

# ENTENDENDO

# A FILOSOFIA

**T**oda organização nasce dos sonhos de um empreendedor (ou de um pequeno grupo de empreendedores) que, pioneiros, vislumbram oportunidades para realizar algo. Apesar das dificuldades, trabalham até conseguirem alcançar seus ideais – isso acontece sempre, tratemos de um empreendimento comercial ou de uma ONG – é assim que, sempre, tudo começa.

Mas organizações têm existência muito mais longa que a dos seus idealizadores originais - mais dia menos dia, os fundadores acabam desaparecendo. Para manter seu espírito empreendedor e sua “visão idealista”, as organizações recorrem aos Princípios – Princípios refletem as intenções e aspirações que impulsionaram os pioneiros a arriscar, muitas vezes tudo que tinham, na construção de um empreendimento.

Princípios são uma “garantia” de preservação da “personalidade especial”, sonhada pelos fundadores para sua organização.

Quem idealizou o Clube de Aventureiros, por exemplo, também teve um sonho pelo qual lutou bastante, até conseguir vê-lo tornar-se realidade.

O mesmo acontece com você e seus colaboradores, quando fundam um Clube em sua igreja local – vocês idealizam e trabalham um bocado até conseguirem viabilizar o sonho.

Vocês também precisam tomar decisões, em resposta ao seu ambiente – reagir ao

apoio ou resistência das Comissões da igreja local, à falta de informação dos pais, ao entusiasmo das crianças, às instruções recebidas da Associação / Missão, etc..

Vocês também precisam de Planos, para prever e preparar cada etapa do caminho que desejam percorrer.

Vocês também precisam de Princípios.

Princípios estabelecem, muitas vezes indiretamente, os planos e ações que podem (ou não podem) ser escolhidos, para a organização, por seus atuais (ou futuros) dirigentes.

Não é incomum o gerente ou diretor de uma empresa recusar um contrato, desfazer um acordo ou “perder dinheiro” numa negociação apenas porque a conduta exigida, para obter uma vantagem, “não combina com o perfil de nossa organização”.

Agora, imagine a importância dos Princípios para uma organização **totalmente** idealista (altruísta, abnegada), como é o caso dos Aventureiros.



Você sabe que ninguém recebe nada (em termos de salário) pelo trabalho que desenvolve no Clube. Ninguém “sobe de cargo” por ensinar ou liderar bem os meninos e meninas. Pelo contrário, é muito comum líderes de Aventureiros gastarem dinheiro de seu próprio bolso, perderem dias de trabalho, horas de sono e oportunidades de lazer, ao se envolverem com este ministério.

Claro que há vantagens em dirigir um Clube de Aventureiros, especialmente se você é pai ou mãe e percebe os efeitos do Clube sobre os filhos, (seus e de outros), mas não dá pra pôr “na ponta do lápis” estas recompensas, intangíveis.

Os Princípios, para continuarem existindo, precisam ser respeitados, o tempo todo.

Não haverá, jamais, uma situação em que se possa pôr “de lado” os Princípios, porque eles “não se aplicam ao caso”. No dia em que isso acontecesse, o princípio já não seria, mais, Princípio, mesmo se estivesse escrito com muita arte, no hall de entrada de sua igreja local – virou “letra morta”; é como o “sal que se tornou insípido”: só serve para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

## Ideais dos Aventureiros

O Clube dos Aventureiros adotou dois ideais para identificar o tipo de pessoa que se envolve em sua organização: o Voto e a Lei do Aventureiro.

Princípios são como os amigos – não precisam ser muitos, mas devem ser os melhores possíveis. Os melhores princípios possíveis são simples, curtos, objetivos, mas desafiadores, requerendo elevados padrões pessoais de quem se disponha a abraçá-los.

É importante ressaltar que os ideais de que estamos falando não são “**Ideais das Crianças**” do Clube de Aventureiros – são os ideais de **todos** os Aventureiros, em geral, não importa sua idade ou função.

### O Voto do Aventureiro

O Voto dos Aventureiros é uma promessa especial, que precisa ser muito bem compreendida, **antes** de podermos proferi-la e vivê-la – vamos estudá-la profundamente, neste capítulo.

Isso é importante porque, como um Princípio de nossa organização, o Voto vai determinar nosso modo de viver e conviver, dentro do contexto do Clube de Aventureiros e, (para além dele), em todos os nossos outros relacionamentos.

O voto do Aventureiro resume-se a uma frase:

**“Por amor a Jesus, farei sempre o meu melhor.”**

Vamos esmiúçá-lo, para entender cada um dos pedacinhos que o compõem:

#### Por amor

O amor é uma das características mais humanas que existem. Nós a herdamos de nosso Criador. Na falta de sinônimos para expressar quem é Deus, o evangelista João, de Patmos, diz que “**Deus é amor**”

Coisas feitas por amor transcendem todas as demais.

Pessoas se sacrificam por amor, se superam por amor, se limitam por amor. Jesus morreu por amor – não há ação mais impressionante em toda a História.

Incentivar a realização de qualquer coisa “por amor” é dar-lhe uma origem muito nobre, um poder muito forte, uma capacidade muito eficiente.

Outra coisa sobre o Amor – Amor gera amor. Amor é uma das poucas coisas que ficam maiores, se você reparte com outros.

Uma curiosidade sobre o amor é que seu antônimo (o contrário do amor) não é o ódio: é a apatia. Quando uma coisa não faz a menor diferença; é tão sem importância que a desconsideramos totalmente, será muito difícil amá-la.

Por isso prometer algo, por amor, requer que consideremos e reflitamos sobre aquilo que estamos prometendo.

O amor é um sentimento intenso, o amor se importa, o amor dá (e pede) atenção. Por isso mesmo, amar uma causa ou um ministério pode levar as pessoas a realizarem verdadeiras proezas.

## **A Jesus**

Jesus é o motivador de tudo o que se faz (ou se fez) de bem e de bom neste mundo. Seu nome tem um poder especial, você já sabe.

Em nome de Jesus tanta coisa já foi feita, que mesmo as pessoas que conviveram, pessoalmente, com Ele não conseguiram contar tudo. É o que diz o Evangelho segundo João:

***“Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro.***

***Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome.”***

*João 20:30 e 31*

Crer no nome de Jesus é o primeiro passo para ter vida em Seu nome.

Ter vida, em Seu nome, é o que nos leva a agir em Seu nome.

Pedro e João, por exemplo, estavam

entrando no Templo, em Jerusalém, quando alguém lhes pediu uma esmola. A resposta deles demonstra como haviam aprendido a ver, além do desejo das pessoas, a real necessidade delas.

Veja o que disse Pedro, segundo o relato bíblico:

***“Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho, isso te dou.***

***Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.”***

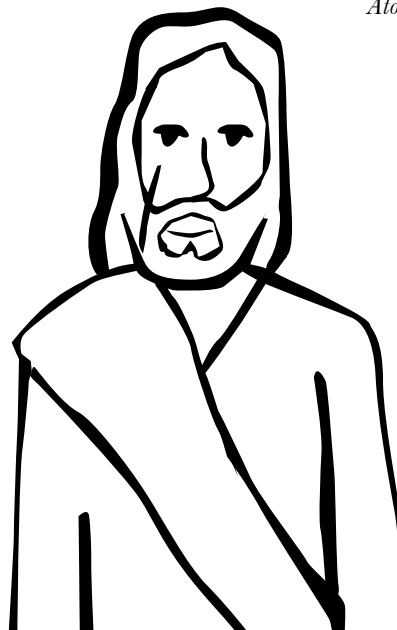
*Atos 3:6*

Os discípulos davam aquilo que tinham, e o que tinham valia muito mais do que a prata ou o ouro. No caso de João e Pedro, foi inevitável testemunhar acerca de Jesus, depois do que aconteceu na porta do Templo – tanta gente estava interessada em saber mais sobre o que ocorrera ... e Pedro não desperdiçou a oportunidade:

***“Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, Aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, em nome d’Esse é que este está são, diante de vós.***

***E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.”***

*Atos 4:10 e 12*



O livro dos Atos dos Apóstolos narra as conseqüências dessas e outras proezas que aqueles cristãos primitivos realizaram, mesmo sofrendo a oposição das autoridades e dos poderosos:

***“Retiraram-se, pois, da presença do conselho, regozijando-se de que Deus os tivesse considerado dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus.”***

***E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo.”***

*Atos 5:41 e 42*

Será que nós e nossas crianças, hoje em dia, podemos esperar viver experiência semelhante?

Em nome de Jesus, **sim!**

***“Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e Lhe deu um Nome que é sobre todo o nome;***

***Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra,***

***E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o SENHOR, para glória de Deus Pai.”***

*Filipenses 2:9 a 11*

A excelência deste nome, Jesus, deve nos impressionar (e a nossas crianças) a ponto de nos levar a realizar estas coisas, já descritas, e muitas outras, preditas pelo próprio Jesus.

***“... o Seu mandamento é este: que creiamos no nome de Seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o Seu mandamento.”***

*1 João 3:23*

Isso trará para nossa vida, atual e futura, uma benção cuja preciosidade nem sequer suspeitamos. É algo que se refletirá, em nós, para toda a eternidade.

***“... verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome.”***

*Apocalipse 22:4*

## **Farei**

Este é o núcleo da promessa envolvida no voto do Aventureiro.

Há dois grupos distintos no mundo, hoje: quem faz e quem procura ou encontra feito.

Quem faz as coisas acontecerem, faz diferença no mundo; o mundo evolui graças a sua contribuição. Quem apenas espera que outros façam, deixa de contribuir para a felicidade, sua e dos outros, ao seu redor.

O verbo está conjugado no futuro, mas não é um futuro distante, é um futuro imediato.

Do ponto de vista de uma criança, (como são a maioria dos Aventureiros), seria fácil pensar que este “... Farei ...” seja algo para quando se esteja educado, “estudado”, “crescido e aparecido”, possuidor de diplomas, cheio de status e títulos, bem sucedido, reconhecido.

Pelo contrário, porém, este “Farei ...” refere-se à sua e à minha próxima ação na vida; focaliza-se na oportunidade seguinte para fazer algo. Este “Farei ...” é como um veredicto de absolvição por tudo o que se podia ter feito e não se fez, desde que se aproveite a primeira chance disponível para fazer.

“Farei ...” é, assim, não algo para um nebuloso e incerto futuro mas, sim, a sua e a minha determinação para o “próximo presente” que encontrarmos pela frente.

## **Sempre**

Não bastasse o que o verbo “Farei...” já diz, sozinho, ainda se acrescenta um advérbio poderoso como o “... Sempre ...”!!

“Sempre ...” indica constância e consistência; é o agora e o ontem, e o amanhã, e qualquer outro tempo que se possa imaginar. Sempre é sempre.

Alguma coisa que se promete fazer sempre, indica não haver sequer a possibilidade de se deixar de cumprir a promessa, nunca.

Perceba: as palavras, nesta pequena frase, que serve como nosso ideal – parece que fazem parte da mesma família: Amor, Jesus, sempre – não dá pra ser mais redundante do que isso!

“Sempre ...”, também, não permite acomodar as situações ao nosso gosto ou à nossa conveniência – não há um tempo em que se possa escapar de uma promessa que inclua a palavra “sempre”.

### **O meu**

Provida a oportunidade de salvação individual do homem, Deus o há de julgar, individualmente, por aquilo que ele – não seu pai, não sua mãe, não seu irmão, não seu cônjuge, não seu pastor, não seu inimigo, não seus filhos, não seu vizinho – fez.

É uma coisa muito boa para se saber: Deus deseja, de mim, apenas aquilo que eu **possa** dar, nada mais, nada menos.

O que será que Deus deseja receber dos meninos e meninas que convivem conosco, no Clube de Aventureiros?

Nada mais, nada menos do que o que sempre quis: o que cada um deles puder dar-Lhe.

Nada há, mais, que pedir.

Nada há, menos, também.

### **Melhor**

Se esta palavra estivesse sozinha, isolada de todas as demais, talvez constituísse um

desafio intransponível para a maioria de nós. Se fosse “... O melhor ...” ao invés de ser “... o **meu** melhor ...”, somente o primeiro do “ranking” poderia se apresentar diante de Deus.

Mas quando Ele pede o **meu** melhor, leva em conta os **meus** limites e as **minhas** potencialidades. Avalia-me não em comparação com os outros, mas em comparação comigo mesmo, antes, durante e depois dos **meus** esforços.

*“Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças.”*

*Eclesiastes 9:10*

Eis um verso bíblico por excelência, para falar do **meu** melhor.

Esta é a perfeição com a qual Deus deseja que sejamos perfeitos, como Ele mesmo (nosso Pai, que está nos Céus) é perfeito.

**Por amor a Jesus farei, sempre, o meu melhor.**

Não se admire com a simplicidade das palavras ou a pequena extensão desta promessa – ela tem os ingredientes necessários para inspirar e motivar os Aventureiros – pessoas com 6, 7, 8, 9 (e quantos mais?) anos de idade.

Ao repetirmos esta (e qualquer outra) promessa, lhe damos força.

Repetir o Voto do Aventureiro tem efeitos muito poderosos sobre os meninos, meninas e adultos. Isso está fora de questão. O que se pode questionar é: se a repetição dos votos, quando você não os está nem cumprindo, nem se esforçando por cumpri-los, equivale a enfraquecê-los, cada vez mais – você não cumpre o que votou, repete a promessa que não cumpriu, torna a não realizar o que prometeu, num círculo vicioso.

Como podemos fortalecer, ao invés de desgastar, os votos? Basta cumpri-los, além de somente declará-los.

## **A Lei do Aventureiro**

Vamos agora ver outro ideal do Clube – A Lei do Aventureiro.

**Jesus me ajuda a ser: Obediente, puro, reverente, bondoso e colaborador”.**

Os cinco artigos da lei indicam um perfil pessoal a ser perseguido por todos os que estão envolvidos com o Clube de Aventureiros. Quando alguém recita a lei, está declarando sua intenção de ser um tipo, muito especial, de pessoa.

A lei do Aventureiro indica, ao mesmo tempo, um “produto” e um “processo”, dos quais depende todo o programa do Clube.

Cada uma das qualidades listadas, são um “produto” acabado, como fim e objetivo, a ser perseguido e “produzido” pelo Aventureiro. São alvos a serem alcançados.

Mas cada uma destas qualidades, é também um processo, que está em andamento, visando melhorar a vida do Aventureiro, naqueles aspectos listados na lei.

Embora possamos já ter avançado bastante, em nosso desenvolvimento de um determinado item da lista, certamente haverá a necessidade de muito trabalho para

melhorar em outros aspectos.

Por exemplo, alguém pode ser muito obediente, mas pouco bondoso ou nada reverente.

Alguém pode ser muito prestativo mas não tomar o devido cuidado com suas palavras ou pensamentos, a fim de que sejam puros.

Cada um destes alvos representa um desafio igualmente grande para crianças e adultos, pois os seres humanos, em geral, são avessos a estas virtudes. Além de tudo, somos sempre levados, naturalmente, a nos afastar de Deus que, (já está dito no próprio texto da lei), é O único capaz de nos ajudar a sermos verdadeiramente obedientes, bondosos, puros, reverentes e prestativos.

O desafio dos adultos fica ainda mais difícil quando tomam consciência de que, obrigados a cumprir este ideal em si mesmos, precisam traduzir tal desafio para os meninos e meninas compreenderem, aceitarem e se entusiasmarem por cumpri-los, em suas próprias vidas!

Traduzir isto para a “sua língua” é vital, porque eles raramente (ou nunca) poderão realizar, ativamente, algo que não compreendam.

Assim, não deveríamos, jamais, nos satisfazermos com a recitação dos ideais de maneira mecânica, nas reuniões e cerimônias, porque isso (como vimos) só contribui para minar a força destes Princípios.

Utilize histórias, encenações, parábolas, experiências pessoais dos Aventureiros, notícias de jornal, recortes de revistas, jogos, brincadeiras e ensine – ensine, desesperadamente – os itens da lei do Aventureiro, na língua dos Aventureiros. Isso é desesperadamente necessário.

Não permita que uma reunião se passe



sem que, em algum momento dela, haja ao menos alguma alusão a um ideal dos Aventureiros. Não é a dose maciça de idealismo que confirma os ideais no coração das crianças; é a contínua administração de doses pequenas e regulares, significativas. Faça um pouco disso todo dia e você verá quanto se constrói no longo prazo.

## **A Lei, enunciado – Jesus me ajuda a ...**

Deslocar o foco de atenção da pessoa do Aventureiro, (onde estas virtudes precisam efetivamente aparecer) para outro lugar, pode dar à criança a falsa idéia de que não é ela mesma a grande responsável por sua própria melhora.

Em contrapartida, como todos nós sabemos, a natureza do homem é, desde o seu nascimento, atraída para o mal e não para o bem. Ele carece de um poder externo a ele mesmo, para conseguir ser bom.

É preciso equilibrar estes dois extremos, fazendo a criança responsável por aquilo que é seu dever e dependente naquilo que não vale a pena nem tentar, sozinha.

Uma das melhores estratégias, para obter resultados, é falar **com** as crianças ao invés de falar **para** elas.

Falar **com**, qualquer pessoa, pressupõe a disposição de ouvir, além de somente falar. Curioso: dá-se o nome de DI-álogo a esse tipo de abordagem, porque a palavra (logo) se desloca em duas direções.

Se você pensar no Aventureiro como uma pessoa (que ele realmente é, mesmo que em miniatura), verá que as mesmas leis o regem, como a todos os demais seres humanos.

Assim, tomar tempo para conversar com as crianças, de modo que aprendam, de suas próprias experiências, como é difícil melhorar seus defeitos, mas também como

isso é possível, com seu esforço e a ajuda divina, tornará palpável o ensino.

A melhor ocasião para tal aprendizado, (acredite se quiser), é quando acontecem problemas. Não há nada que ensine mais do que uma “boa” crise.

O mundo das crianças contém oportunidades de sobra para brigas, egoísmo, inveja, mentira, cobiça, medo, frustrações, etc.. O modo como se administra estes conflitos é determinante para viabilizar o aprendizado.

O líder sábio “se apóia” nestas ocorrências indesejáveis, em seu trato com a pessoa do Aventureiro, (muitas vezes em particular), para mostrar como a natureza humana é difícil de dominar e como a ajuda de Deus é preciosa para isso.

Cada vez que orarmos com a criança, nestas ocasiões, estaremos ensinando-lhes o caminho para a “sala de audiência” de Quem, unicamente, pode julgar, condenar ou absolver e, (o melhor de tudo), ajudar-nos a não errar novamente.

## **A Lei, item 1 – Ser obediente**

Ensina-se obediência, prioritariamente, sendo-se obediente.

Desagradável como seja esta perspectiva, o método de ensino por excelência, especialmente com crianças, é, sempre foi e talvez jamais deixe de ser o exemplo.

Observe as crianças – você ficará impressionado com a habilidade que elas têm para aprender justamente o que **não** queremos ensinar-lhes.

É uma das coisas mais comuns deste mundo, ver pais mal-educados falarem aos seus pequeninos: “Seja educado, filho”, com a maior naturalidade, sem perceber que o que, na verdade, estão dizendo é “não seja meu filho”.

Não importa quanto ou com que tom de voz lhes falemos, as crianças serão pequenas cópias daqueles com quem convivem.

A obediência é uma coisa estranha para o ser humano, porque pressupõe seguir as determinações e fazer a vontade de outra pessoa, que não nós mesmos. Em muitas circunstâncias, obedecer equivale a abnegar-se – horror supremo de nossa sociedade egocêntrica e apaixonada por si mesma – mas há maneiras muito persuasivas de conseguir obediência.

Uma delas é saber comandar, o que, (diga-se), só se aprende obedecendo as ordens de algum bom comandante.

Bom comandante é aquele que fundamenta cada um de seus comandos, na **necessidade e benefício** da obediência, para o grupo e para o indivíduo dentro do grupo, ficando ele mesmo (comandante) e sua vontade pessoal em posição francamente secundária.

Um dos métodos mais fortes de ensinar obediência é obedecer junto.

A liderança é uma ciência e uma arte, alicerçada sobre **a)** princípios imutáveis e **b)** características pessoais e ambientais muito variáveis.

Os princípios imutáveis, como o próprio nome diz, não podem ser mudados – temos que aprendê-los e nos adaptar a eles. Já as características pessoais são amplamente modificáveis.

Por exemplo, quando um líder utiliza as palavras, define *de-fi-ni-da-men-te* que tipo de resposta obterá. Isso é um princípio imutável de comunicação. Por isso, o líder precisa tomar todo o cuidado com suas palavras e com a entonação que dá a elas – a resposta dos comandados será um reflexo disso.

Uma das palavras mais poderosas,

dentro do “arsenal” dos grandes líderes, é “Vamos !?”.

Note a pontuação utilizada – “!?” – indica o entusiasmo de quem pergunta mas também a **espera pela concordância** da(s) outra(s) pessoa(s). É um impulso para frente, que aguarda liberação.

“Vamos!?” coloca o líder dentro do mesmo barco que os liderados, por isso o pronome predileto dos líderes é “nós”.

Mesmo o “Vá!” ou o “Faça!” pode ser mais eficiente na forma de “Você poderia ir ... ?” ou “Você pode, por favor, fazer ...?”.

Explicar a situação, em virtude da qual se determina uma conduta ou se impõe uma restrição, é outro modo de garantir obediência, com vantagens superiores:

- Ensina a lei da causa e efeito e da ação e reação;
- Ensina a imaginar opções e selecionar dentre elas;
- Mostra a utilidade da ordem emitida, dentro do contexto atual.

Deus, a maior de todas as autoridades, tem “mandamentos” para toda a Sua criação, mas estas “leis” existem para o bem de Suas criaturas e não em função de algum desejo ou necessidade dEle.

A experiência de obedecer pode motivar mais obediência.

Quando se emite ordens que trarão boas conseqüências para quem obedece, (e estas conseqüências realmente aparecem), tanto os obedientes como os desobedientes aprendem o valor da obediência.

Incômodo como seja, estamos colocando quase toda a responsabilidade pela obediência sobre quem deseja ser obedecido. Não existe outra maneira mais apropriada de abordar este tema.



Uma coisa a lembrar sobre obediência e desobediência é que elas ficam facilmente “contaminadas” com a conduta apresentada, pelas crianças, em outros contextos de suas vidas. Se a criança é rotineiramente desobediente, na escola e na família, não espere um “milagre” no Clube de Aventureiros, ao menos nos primeiros momentos.

Os pais de hoje precisam ser ensinados a obter obediência, especialmente porque eles têm o direito de utilizar recursos, para consegui-la, que estão totalmente fora de nosso alcance.

Gostemos ou não, obediência, educação e muitas outras coisas, começam em casa.

Os filhos não são nossos, são dos pais deles.

É por isso que o Clube de Aventureiros depende tanto de uma parceria consciente e consistente entre os pais e a liderança.

Agora, uma boa notícia – é muito comum os Aventureiros levarem para casa a inclinação para a obediência, pronta e decidida, adquirida no Clube.

## **A Lei, item 2 – Ser puro**

Cada dia fica mais difícil.

O mundo se especializou em seduzir as pessoas para as coisas mais sujas e desprezíveis que conseguiu inventar.

Os jovens, especialmente, tem sido um alvo predileto da mídia para fumarem, beberem e adotarem os mais baixos costumes e as mais reprováveis condutas possíveis. Na verdade, o “louvor do mal”, na sociedade moderna, é tão generalizado e altissonante que se chega a sentir vergonha por não ser mau.

As virtudes se originam na mente como, (ao que parece), tudo o mais, mas no caso da pureza, a influência da mente tem um peso

ainda maior – todo mau traço de caráter é, em si, uma “contaminação”, mesmo enquanto ainda não passa de uma simples idéia ou pensamento.

Você tem que ser desobediente em sua mente, antes de demonstrar no exterior, mas – por incrível (e injusto) que pareça – você **pode** ser obediente apenas no exterior, sem, contudo, ter uma “mente obediente”.

E isso é impureza, nos motivos, embora pareça obediência nos atos externos.

Ensinar pureza é ensinar conhecimento e determinação pessoal, pois a pureza está fora do alcance de qualquer outro censor humano: somente a própria pessoa pode chegar, lá, no íntimo dela mesma e averiguar o grau de pureza ali existente.

Ser puro é como um incêndio, que se “alastra” por nossas palavras e atos, intenções e atitudes, sem que possamos detê-lo.

Moisés falava, em Deuteronômio 6, das virtudes que os pais deviam pôr diante dos filhos, nos mais diversos formatos, para “quer assentando-se, quer andando pelo caminho” expô-los, sempre, ao que houvesse de melhor, para seu aprimoramento.

Paulo recomendava “tudo que é verdadeiro, tudo que é respeitável, tudo que é justo, tudo que é puro, tudo que é amável, tudo que é de boa fama”, tudo que tenha alguma virtude ou louvor, como objeto permanente do pensamento dos filhos de Deus. (Filipenses 4:8)

Estes são conselhos mais do que apropriados, embora nem sempre fáceis de (con)seguir.

## **A Lei, item 3 – Ser reverente**

A Lei e o Voto são diferentes, ao menos num aspecto: a Lei é uma promessa que foi feita primeiro, não por nós, mas por

Deus. Nós apenas a repetimos, para não nos esquecermos dela. Ela está espalhada por toda a Bíblia. Veja:

- Eu serei contigo = Jesus me ajuda.
- Que se apodere da minha força e faça paz comigo = Jesus me ajuda.
- Tudo posso nAquele que me fortalece = Jesus me ajuda.

Você, sem dúvida, conhece outros versos bíblicos que correspondem a “Jesus me ajuda ...”.

A frase pode, também, ser um pedido - “Jesus, me ajuda ...?”

Ele é o que vive, sempre, para interceder.

Ele se compadece, porque primeiro padeceu como todos nós.

Ele será conosco, passemos nós “pelo fogo ou pelas águas”.

A seta voando de dia, a mortandade assolando de noite, mil caindo ao nosso lado e dez mil à nossa direita, nada disso nos trás medo, porque estamos abrigados à sombra do Onipotente, descansando. *Salmo 91*

O Senhor é o nosso pastor – o que nos pode faltar?

Poderíamos citar páginas e mais páginas da Bíblia, sem esgotar as possibilidades.

Eis uma razão para fazermos os meninos e meninas memorizarem e compreenderem o texto sagrado: ao considerarem Quem é Deus, como Ele age, quanto nos ama, o que já fez por nós, não conseguirão ser irreverentes.

A razão porque muita gente é, hoje em dia, irreverente para com Deus, não é a sua intenção de ofendê-IO ou desagradá-IO – é o desconhecimento acerca dEle.

Se é isso, temos um remédio infalível para resolver o problema – conhecê-IO, como é nosso privilégio conhecer.

Ore muito com suas crianças.

Leia muito sua Bíblia.

Dê exemplos de reverência, nos quais elas possam se espelhar.

Chame em seu auxílio os pais, e mães, e demais adultos de sua igreja. É um esforço que vale a pena, tanto para esta vida como para a eternidade.

## **A Lei, item 4 – Ser bondoso**

Jesus, no Seu mais longo discurso registrado, (em Mateus 5), fala de gente bem-aventurada (feliz) por desenvolver virtudes e passar por experiências especiais em suas vidas. De todas aquelas bem-aventuranças, a única que retorna sobre a própria pessoa que a apresenta é a misericórdia.

As duas raízes latinas que formam esta palavra tão especial são misere e cordis – poderíamos traduzi-las como sendo a capacidade de colocar o coração (cordis) na miséria alheia; chorar com os que choram; fazer aos outros o mesmo que gostaríamos que alguém nos fizesse, se estivéssemos na mesma situação.

Lembra um pouco a oração que Jesus ensinou a seus discípulos: “Perdoa-nos como nós mesmos tivermos perdoado.” *Mateus 6:12*

Em outra ocasião, falando sobre o julgamento final, Jesus indicou “a” característica que distinguiria os escolhidos dos rejeitados – misericórdia para com os necessitados. E Jesus arremata dizendo: “Quando o fizeste a um dos Meus pequeninos, a Mim o fizestes”. *Mateus 25:40*

Desde o Velho Testamento, ressoam estas palavras: Deus quer “misericórdia, não sacrifícios”.

Assim, ser misericordioso, o mesmo que demonstrar bondade, é um atributo daqueles que se parecem com Deus. Esta é

a glória suprema dEle; é o que ressalta na descrição da única pessoa que O viu face a face. É o que deve se destacar, também, nos Seus filhos.

Ser bondoso é ser parecido com Deus.

A poesia de um antigo hino diz o seguinte:

*“Deus não tem mãos, senão as nossas, para o bem praticar;*

*Deus não tem pés, senão os nossos, para ir ajudar;*

*É na luz do nosso sorriso que Deus mostra haver esperança;*

*Deus chora ao lado do aflito, as lágrimas que nós derramamos;*

*Deus consola a muitos Seus filhos através dos nossos lábios;*

*O abraço de Deus é bem visto nos braços que nós Lhe emprestamos”.*

Deus escolheu depender da **nossa** bondade, para que a **Sua** bondade pudesse ser (re)conhecida pelas outras pessoas. Vendo as nossas boas obras, elas glorificarão ao nosso Pai, que está nos Céus.

Um ditado conhecido sobre este tema diz assim: Quer ser infeliz? – pense em si mesmo.

Se isso é verdade, o contrário também deve ser: Quer ser feliz – não pense em si mesmo: pense nos outros.

Procurar a felicidade alheia é o melhor meio de encontrar a própria felicidade.

Para poder viver assim, necessitamos de um coração, de carne, não de pedra. Precisamos de um coração parecido com o de Jesus.

Olhe ao seu redor: há pobres, doentes, idosos, indefesos, desamparados, necessitados de toda ordem. Que campo vasto para semear a bondade!

## A Lei, item 5 – Ser colaborador

Crianças gostam de ajudar e vivem se oferecendo para isso.

Muitos pais e mães, (e líderes!), matam esta disposição tão salutar, impedindo que as crianças participem nas tarefas.

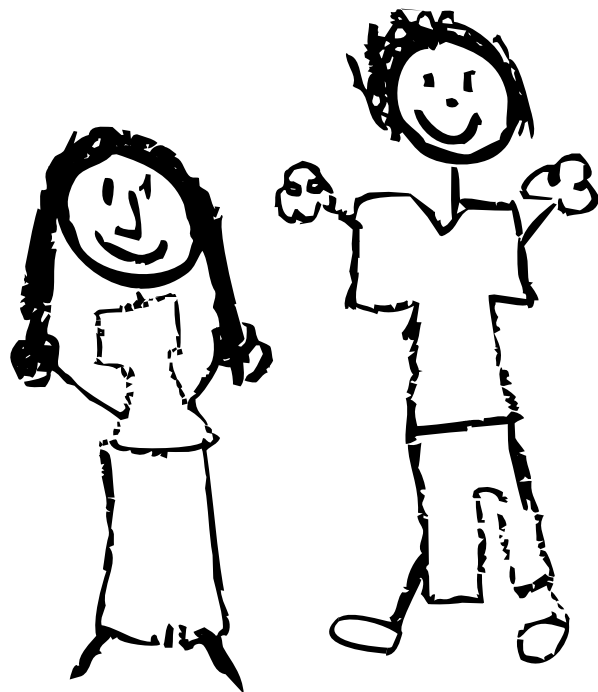
Anos depois, estes mesmos adultos ralham, e gritam, e suspiram por ajuda, mas não podem mais conseguir aquilo que lhes era oferecido gratuita e livremente, pouco tempo antes.

Ser colaborador é um aprimoramento de ser obediente ou bondoso.

A marca registrada do colaborador é a iniciativa – ser prestativo é ajudar **antes** que isso seja obrigatório.

O obediente não toma a iniciativa, apenas reage às ordens que recebe.

O bondoso não toma a iniciativa, só corresponde benignamente às necessidades que encontra.



O colaborador se antecipa em prestar serviço.

O colaborador está sempre a postos para fazer os outros felizes, confortáveis, satisfeitos.

No contexto dos meninos e meninas em idade de Aventureiro, maneiras muito menos filosóficas e idealistas precisam ser encontradas para promover o desejo de servir.

Por exemplo, o egoísmo natural das crianças (e o seu desejo irrefreável de ganhar sempre e não perder nunca), pode ser um campo frutífero para trabalhar a disposição de tornar-se um colaborador.

Ao tomar a iniciativa de reconhecer a vitória e os méritos alheios, a criança pode aprender a dominar-se e ser bom esportista, quando perde e quando ganha.

Parece que é muito mais fácil ensinar alguém a ser um bom perdedor do que o reverso da moeda – saber ganhar. Algumas pessoas se tornam tão insuportáveis, quando vencem, que (velada ou declaradamente) todo mundo torce para que sejam derrotadas.

Aqueles que têm sempre sucesso naquilo que fazem, podem se deixar levar pela ilusão de que são melhores do que os outros, são superiores aos demais ou que os outros não se esforçam o suficiente já que, para eles, ter sucesso é uma coisa fácil e natural.

A atitude demonstrada pelas crianças, nesta questão, pode fechar as portas para muitas amizades, causar frustração e ressentimentos de toda espécie.

Por isso mesmo, ensinar o hábito do serviço é uma das muitas contribuições inestimáveis que podemos dar à vida das crianças. Isso lhes garantirá a melhor utilidade nesta vida e um passaporte para aquele lugar, onde ser colaborador é ser “o

maior”.

## **Uniforme dos Aventureiros**

Há muitos uniformes, “desfilando”, mundo afora.

As forças armadas, as polícias, os times de futebol, as escolas, inúmeras classes profissionais, os escoteiros, os bombeiros, etc. Todos se distinguem das pessoas comuns através de seus uniformes.

Alguns só existem para isso mesmo: aparecer, mas muitos deles são utilitários e visam proteger seus usuários durante o exercício de um trabalho ou facilitar a realização de uma atividade ou tarefa.

Esta é a primeira função de qualquer uniforme – diferenciar um grupo específico do restante das pessoas comuns. Você consegue perceber quem faz parte do grupo apenas observando.

Uma segunda função dos uniformes é destacar dentre os já destacados. Funciona assim – o grupo se destaca da multidão e um grupo dentro do grupo se destaca tanto da multidão como do próprio grupo.

São as castas, as patentes, os “escolhidos”, dentro do grupo de escolhidos.

Vê-se isso, muito claramente, entre os militares, mas não apenas entre eles. O capitão do time usa uma braçadeira, para destacá-lo dos demais. O professor, na escola, se veste diferentemente dos alunos. Os capacetes dos engenheiros são, sempre, diferentes dos usados pelos operários. (E quem visita uma construção ou canteiro de obras acaba usando um outro modelo, diferente dos outros).

Isso é útil por muitas razões e não vamos alongar mais o assunto – você mesmo pode notar onde e quando destacar alguém dentre os já destacados cumpre ou não um bom objetivo.

Queremos nos concentrar num objetivo, diametralmente oposto aos já apresentados, para a existência de um uniforme: igualar.

O mesmo uniforme que separa também agrega.

Ao se verem diferentes dos demais, os usuários de uniformes percebem, também, que são iguais, entre eles. Fazem parte do mesmo grupo, recebem o mesmo tipo de treinamento, apresentam as mesmas habilidades, praticam as mesmas ações. São iguais, por isso vestem-se e se tratam como iguais. O uniforme ajuda, então, a criar um espírito de conjunto, no qual os elementos individuais podem experimentar o senso de pertencer, de ser parte de algo maior do que eles mesmos.

Estas duas razões justificam a existência do uniforme dos Aventureiros: destacar e igualar. É uma demonstração prática e um sintoma externo da filosofia que embasa todo o trabalho realizado neste ministério da igreja. O uniforme, para todos os efeitos, faz parte dos ideais (princípios) do Clube.

Perceba um detalhe importante: no Clube de Aventureiros todos são iguais. (ou, pelo menos, tratados como se o fossem ...)

O Diretor usa o mesmo uniforme que as crianças.

Salvo por pequenos detalhes, colocados estrategicamente, a única coisa que você pode dizer, ao ver um grupo de Aventureiros é que eles estão juntos e são parte de uma mesma entidade. O Diretor só se destaca dos meninos e meninas por causa daquilo que é inevitável – ele é um adulto, no meio de uma porção de baixinhos.

(Não precisa mais destaque do que isso.)

Esta “equalização” que o uniforme proporciona tem uma mensagem muito poderosa: não importa o cargo, a posição (social, econômica, financeira), a idade, o

senso estético ou a beleza da pessoa, todos são tratados, neste grupo, como se fossem iguais, com os mesmos direitos e deveres.

Seja você Diretor do Clube ou o Aventureiro mais novato, (que acabou de ingressar nele), crê nos mesmos ideais, canta o mesmo hino, recita o mesmo Voto e a mesma Lei, segue o mesmo código de honra e disciplina. Nada mais natural do que usar o mesmo uniforme.

Não há aquele senso militar de “SUPERIOR” e “subalterno”, nem patentes, nem continências, nem castas, nem grupos dominantes. Todos os Aventureiros são irmãos, uns mais velhos outros mais novos, em Cristo Jesus. E o uniforme reflete isso.

É claro que o uniforme diferencia o Aventureiro dos meninos e meninas comuns, mas isso tem um propósito específico – a “forma” diferente de se vestir indica o “modo” diferente de pensar, agir e viver. É uma embalagem que combina perfeitamente com o “conteúdo”.

(E o uniforme tem atraído muitos meninos e meninas, fascinados pelo exterior vistoso dos Aventureiros, para um mundo inteiramente novo e inesperadamente rico de experiências, que talvez eles nunca se interessassem por vivenciar, se não fosse pela atração inicial do uniforme.)

O termo mais adequado para se referir ao uniforme é “uniforme oficial”, não “uniforme de gala”. Uniformes de gala, (onde eles existem), são normalmente indumentárias muito enfeitadas, pomposas, repletas de adereços bastante incômodos de usar, no dia-a-dia.

Todos os uniformes de gala que conhecemos só são usados em ocasiões solenes e especiais, e há, sempre, um uniforme “de passeio”, (ou “de atividades”, ou “de instrução”) para as situações de

rotina. Por isso, a expressão “uniforme de gala” é inteiramente inadequada para a realidade do Clube de Aventureiros.

Se existe um item “de gala” no uniforme, é a faixa de especialidades.

Ela é usada em solenidades e cerimônias especiais, mas não no cotidiano do Clube. Embora seja parte integrante do uniforme, só é usada em momentos específicos.

O uniforme de Aventureiro deveria ser usado semanalmente, e temos duas boas razões para dizer isso. Em primeiro lugar, os anos passam rápido e as crianças crescem logo. As roupas se perdem facilmente e é bom que tenham sido bastante usadas, para cumprirem seu objetivo.

Não é necessário “economizar” o uniforme – na verdade, é muito recomendável gastá-lo.

Uma segunda razão para aconselharmos o uso do uniforme é que ele causa uma verdadeira metamorfose no menino ou menina que o usa. (Especialmente quando levamos o menino ou menina a compreender tudo o que está envolvido no ato de usar **este** uniforme.)

Tal transformação é bem visível nos próprios adultos. Quando você esta usando uma roupa especial, (um terno

ou um vestido “de noite”, por exemplo) suas atitudes, palavras e ações parecem maravilhosamente polidas e educadas. Usando o uniforme de Aventureiro, tenha a certeza, muito menino peralta e atrevido se comportará de maneira completamente diversa de seu procedimento habitual.

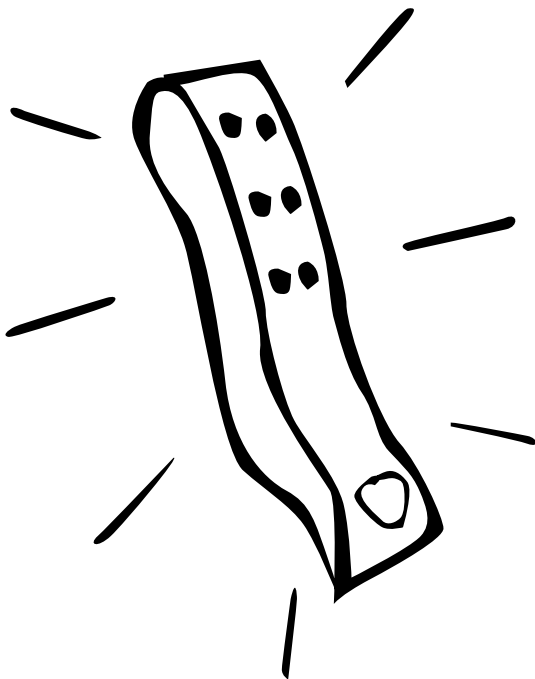
Espera-se algo especial de quem é especial, e não há um momento passado no Clube de Aventureiros em que os dirigentes não estejam falando, ensinando, motivando, exemplificando como ser uma pessoa especial. Isso faz com que o Aventureiro se veja como uma pessoa especial, se sinta uma pessoa especial e, finalmente, se torne exatamente aquilo que o levamos a crer que era (ou poderia ser): alguém especial. Deste ponto de vista, o uni-forme (uma forma, um formato, uma única formatação) é também uma fôrma – o usuário tem que se adaptar, conformar, amoldar, ajustar para “caber” dentro dele.

O uniforme dá um aspecto organizado e disciplinado e causa muito boa impressão, quando bem usado.

Muitos adultos prestam atenção no Aventureiro uniformizado e isso desperta neles a curiosidade por saber do que se trata. Muitas crianças se fascinam com o uniforme e sentem vontade de usá-lo, o que é uma das mais eficazes “iscas” para trazer outros meninos e meninas para dentro do Clube e da igreja.

Mais uma coisa importante - o uniforme indica o avanço do Aventureiro, em seu próprio desenvolvimento pessoal, através dos distintivos e insígnias que conquistou. Deste modo o uniforme revela um histórico da criança, dentro do Clube de Aventureiros. Juntamente com a faixa de especialidades, é uma eloqüente manifestação de seu desenvolvimento.

A faixa e o uniforme devem refletir o momento que o Aventureiro está vivendo.



Não devem constar neles nenhum distintivo, insígnia, medalha ou outra honraria que não tenha ligação direta na atividade desenvolvida com, pelo e através do Clube de Aventureiros.

Isso cabe como alerta tanto para as crianças como para os adultos.

A medalha de melhor aluno na escola formal, embora gere um “santo” orgulho nos pais e líderes, não é um item para ser incorporado ao uniforme ou à faixa. O mesmo acontece com qualquer insígnia recebida como desbravador. Não deve ser usada no uniforme dos aventureiros.

Cada item conquistado como Aventureiro tem uma característica muito importante – toda e qualquer pessoa, dentro de sua faixa etária, pode alcançá-la.

Isso é extremamente democrático.

Os distintivos e insígnias pertencentes ao uniforme dos Aventureiros não formam um ranking, de modo algum. Não é um comparativo entre os Aventureiros, mas sim um reconhecimento pelos esforços despendidos por eles, no seu auto-aprimoramento.

Eles lutam para superar seus limites pessoais e não os companheiros.

O uso do uniforme deveria preocupar muito os dirigentes do Clube, pois ele é o nosso cartão de visitas. Todas as nossas palavras, ações e atitudes “contaminam” infalivelmente a imagem dos Aventureiros, como entidade mundial, quer queiramos, quer não.

Quando alguém veste seu uniforme, em seu bairro ou cidade, representa todo o movimento dos Aventureiros. É uma tremenda responsabilidade. Por isso nunca permita que o uniforme seja usado de maneira relaxada ou mal arrumada, pois a honra de todos os Aventureiros esta

envolvida nisso.

Para que você conheça todos os detalhes sobre a confecção, uso, modelos e insígnias do uniforme dos Aventureiros, procure em sua Associação / Missão o “Regulamento de Uniformes” do Ministério Jovem.

## **Bandeira dos Aventureiros**

A bandeira dos Aventureiros é muito simples. Ela contém o símbolo internacional dos Aventureiros no centro, indicando que o foco principal do Clube é o desenvolvimento das crianças através das Classes de Abelhinhas Laboriosas, Luminares, Edificadores e Mãos Ajudadoras.

A Bandeira é composta, ainda, de mais um elemento: o nome do Clube a que pertence. Deve ser bordado ou pintado, em seu canto inferior direito.

## **Hino dos Aventureiros**

O Hino oficial dos Aventureiros, para a América do Sul, foi composto em 1995 pelo Pastor Wanderson Paiva. Inicialmente foi preparado para ser cantado pelo clube do IAP (Instituto Adventista Paranaense), em Ivatuba, estado do Paraná. Os clubes de aventureiros estavam apenas começando e ainda não existia uma música que representasse seus ideais.

O Pr. Wanderson era o Diretor do Departamento de Música do IAP e, atendendo a um pedido dos líderes do Clube, aceitou o desafio. Descrevendo como tudo aconteceu ele diz: “Tomei um tempo para ler e estudar atentamente os ideais e objetivos dos Aventureiros. Em seguida, deixei passar um tempo para que todas as palavras encontrassem a seqüência mais lógica possível dentro daquilo que se esperava de uma canção para os Aventureiros. Lembrei-me dos meus tempos de membro do Clube de Desbravadores, bem como, do orgulho com o qual cantava

o Hino dos Desbravadores e participava de todas as atividades do Clube. Então com muita oração, pedi que Deus me usasse para compor uma música que pudesse transferir para os pequenos Aventureiros esta mesma experiência”.

*Somos aventureiros alegres  
Que confiam no amigo Jesus.  
Aprendemos que sempre devemos  
Ser pra todos um brilho da Luz.  
Descobrimos em tudo a beleza,  
E o amor de um Deus criador.  
E amando a Cristo faremos  
Maravilhas ao nosso redor.*

O Hino dos Aventureiros deve ser cantado sempre que possível, nas reuniões oficiais das crianças e adultos, ligados ao Clube. Isso será uma contínua recordação dos ideais.

